

“ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS”: UMA RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE NO PERÍODO VITORIANO ¹

MIRCON ROTHMANN ²

ELIS REGINA FERNANDES ALVES ³

“[...] Literatura não é apenas propor teorias literárias, mas sim promover a crítica à sociedade, tentando encontrar elementos que sejam favoráveis ou não à nossa formação enquanto leitores e apreciadores de leitura e cultura [...]”.

(<http://letrasesociedade.blogspot.com.br/>)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar “Alice no País das Maravilhas” escrito em 1865 por Lewis Carroll, por meio de um olhar sociológico, fundamentado em autores como Lukács (2000), Goldmann (1976) e Antonio Candido (2000). Através desses autores que analisam as relações entre literatura e sociedade, ou seja, as relações que existem e podem existir entre a obra, o autor e a sociedade, buscamos suporte teórico para uma análise social sobre a obra mostrando a partir dela possíveis elementos críticos inerentes à sociedade vitoriana do século XIX da Inglaterra. Na obra “Alice no País das Maravilhas” encontramos metáforas que fazem alusão às relações sociais, mostradas através de elementos representativos da época que atuam sobre a trama criada pela genialidade de Carroll. Vemos que inevitavelmente a literatura está ligada à sociedade.

Palavras-chave: literatura e sociedade; período vitoriano; “Alice no País das Maravilhas”.

ABSTRACT

This article aims to analyze "Alice in Wonderland" written in 1865 by Lewis Carroll, through a sociological perspective based on authors such as Lukács (2000), Goldmann (1976) and Antonio Candido (2000). Through these authors, who analyze the relations between literature and society, that is, the relationship that exist and can exist among the work, the author and society, we search for theoretical support for a social analysis about the work, showing the possible critical elements inherent to the Victorian society in the nineteenth century in England. In "Alice in Wonderland", we can find metaphors that allude to the social relations, shown by representative elements of the time that work on the plot created by the genius of Carroll. We can see that literature is inevitably linked to society.

Keywords: literature and society; Victorian period; “Alice in Wonderland”.

1 INTRODUÇÃO

A obra “Alice no País das Maravilhas” escrita por Lewis Carroll, em sua criação, foi considerada uma obra voltada para as crianças, já que abordava um mundo maravilhoso onde tudo era possível para a protagonista “Alice”. Era um mundo cheio de seres fantásticos que

¹ Artigo apresentado para obtenção de nota parcial na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas – UFAM-IEAA.

² Aluno graduando do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa

³ Orientadora do Artigo.

tornavam a trama uma aventura mágica transformando a vida cotidiana em um mundo estranho, totalmente desconhecido e sem nexos com nossa realidade.

Essa, por sinal, também pode ser a nossa primeira interpretação, contudo, a genialidade da obra de Carroll permite que, ao aprofundarmos nosso olhar em uma análise mais densa, percebamos que a obra é passível de outras interpretações e análises. Não podemos pensar a literatura apenas como uma arte muitas vezes apenas estética e sem valor social. Precisamos deixar de explorar o plano das ideias para adentrar ao plano dos sentidos e das relações que a obra explora.

A literatura, desde o seu início, sempre esteve ligada às relações e práticas sociais. Ela representa o convívio em sociedade, mostra diversos modos de encarar a realidade. São pensamentos, teorias, críticas, culturas, momentos históricos que aparecem enraizados ao que pode parecer apenas um texto de ficção. Cabe a nós, portanto, investigarmos até que medida a literatura é a expressão da sociedade e está interessada nos problemas sociais do cotidiano, e assim atribuímos seu valor social. Se pensarmos na literatura de uma forma geral, veremos que ela está intimamente ligada ao meio social, pode tanto sofrer a influência do meio social onde foi produzida, quanto influenciar o meio social ao qual foi destinada.

Nesse sentido, podemos dizer que a sociedade existe antes da obra, existe na obra, e existe depois da obra. A sociedade existe antes da obra pelo fato de condicionar o autor, e dessa forma, acabar influenciando a produção, já que ele vive na sociedade e assim tenta mostrar, refletir e transformar essa sociedade, mesmo que involuntariamente. A sociedade existe na obra, pois na obra podemos ver o rastro e a descrição da sociedade, ela não pode ser vista unicamente como um pano de fundo sem importância que compõe a obra. E, por fim, temos a sociedade depois da obra, pois ela foi destinada a um público, que ao ler a obra lhe atribui um conceito de valor, faz estudos e promove teorias a seu respeito. Sendo assim, a literatura e a sociedade coexistem em um mesmo âmbito.

A partir dessa ideia, surge a sociologia da literatura que tem como papel fundamental nos seus estudos buscar, estabelecer e descrever as relações que existem e que aparecem entre a sociedade e a obra literária. Dessa forma, também conhecida como crítica sociológica, a sociologia da literatura está relacionada ao estudo da obra voltada para as condições histórico-sociais; ao estudo da obra considerando o autor e a sua situação histórico-social; ao estudo da obra centrada em problemas relativos à própria obra literária; e ao estudo centrado no público leitor e sua relação com as obras literárias.

Mediante o que foi exposto, não devemos restringir a grandiosidade da obra de “Lewis Carroll” a uma única interpretação. Podemos pensar e analisar a obra “Alice no País das

Maravilhas” com um olhar voltado para a sociologia da literatura, pois além da literatura fantástica, veremos que o texto é uma obra repleta de resquícios e indícios da sociedade vitoriana do século XIX que Carroll “escondeu” entre meio a esse mundo fantástico contado na história. A obra traz, além de críticas a elementos representativos da sociedade, referências linguísticas, matemáticas e satíricas.

Dessa forma, este artigo busca analisar e interpretar os elementos sociais que aparecem na obra “Alice no País das Maravilhas”, escrita por “Lewis Carroll” no ano de 1865, durante o reinado da Rainha Vitória, na Inglaterra. Não pretendemos mostrar simplesmente os elementos inerentes à obra que criticam a sociedade da época, mas a partir deles mostrar como o autor engendrou todos esses elementos que são externos à sua obra tornando-os internos ao texto, criticando de maneira sutil a sociedade a qual pertencia.

A metodologia é de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que contempla os ensinamentos de Georg Lukács (2000) sobre a influência da sociedade criando o gênero literário; Lucien Goldmann (1976) que trabalha o herói problemático e suas relações dentro da obra; e Antonio Candido (2000) que fala sobre as relações da sociedade e literatura na transformação do elemento externo em elemento interno na obra literária.

2 O DIALOGISMO ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE

2.1 O período vitoriano

A literatura sempre esteve presente e ligada à sociedade, e é a partir desse dialogismo entre literatura e sociedade que iniciaremos a abordagem da obra “Alice no País das Maravilhas” pensando nos fatores, relações e práticas sociais da sociedade que implicam na obra e vice-versa. Para tanto, precisamos contextualizar a sociedade a qual Carroll pertencia e sobre a qual escreveu.

A obra “Alice no País das Maravilhas” foi escrita durante o reinado da Rainha Vitória que iniciou após a morte do Rei Guilherme IV, no ano de 1837. Seu reinado durou aproximadamente 64 anos, período esse que ficou conhecido como a “Era Vitoriana”, sendo o mais longo reinado inglês da história e um período de intensa mudança industrial, cultural, política, científica e militar no Reino Unido, marcando assim a expansão do imperialismo e colonialismo Britânico ao redor do mundo. “Reinando mais tempo do que qualquer outro monarca inglês, a rainha Vitória (1837-1901) restabeleceu o prestígio da Coroa, bastante desacreditada durante os reinados de seus tios [...]” (ZIERER, 1978, p. 98).

Foi uma época de progressos e conquistas, perpassando pela revolução industrial com inúmeros avanços tecnológicos que ocorreram nas fábricas inglesas, aumentando

substancialmente o poder de manufatura e da produção industrializada. Isso contribuiu significativamente para o enriquecimento e a ascensão da burguesia inglesa, o que veio a gerar tanto mudanças sociais, como econômicas na Inglaterra do século XIX. No período vitoriano

[...] o povo britânico gozava de uma paz e de uma prosperidade sem paralelo – ou, pelo menos, assim sucedia com a classe média. Depois dos distúrbios do início do século, a segurança parecia assegurada. As instituições britânicas tinham demonstrado a sua capacidade de adaptação às mudanças dos ventos da industrialização, reforma e expansão imperial (ZIERER, 1978, p.98).

Dessa forma, a Inglaterra passou a ser uma sociedade industrial, ou seja, tornou-se principalmente urbana, o que causou inúmeras mazelas sociais, como fome, miséria, crimes, desemprego e outros problemas, fatos também acentuados pelo elevado crescimento populacional na Inglaterra durante o reinado vitoriano. Segundo Maurois, a sociedade vitoriana vivia uma contradição social de extremos, enquanto a nobreza ostentava uma fabulosa riqueza, a classe pobre era miserável ao ponto que

[...] nos bairros populares das grandes cidades a mortalidade é tremenda. Em Londres no *East End* (bairro pobre) atinge o dobro do *West End* (bairro rico). Em Bath, a duração da vida normal de um *gentleman* é de cinquenta e cinco anos, a de um operário é de vinte e cinco anos ([s.d.], p.522).

Para descrever o período vitoriano podemos usar ainda a Revista Entre Livros, que na coleção “Panorama da Literatura Inglesa” nos mostra uma representação da Inglaterra na época da rainha Vitória.

Durante esse período a Grã-Bretanha se firmou como o maior império do mundo, estendendo seu domínio pelos quatro cantos do planeta. A riqueza e a opulência exteriores, no entanto, contrastavam com a miséria de uma massa de trabalhadores superexplorados que sobrevivia a duras penas nas grandes metrópoles industriais [...] uma época marcada pelas brutais contradições de um império dividido entre a miséria das ruas e o fausto das residências aristocráticas de Londres, entre a missão civilizadora e a barbárie colonial na África, entre o cidadão de bem que é médico de dia e monstro de noite ([s.d.] p. 42).

Dessa forma, podemos dizer que o período vitoriano foi uma época de contradições, um período de ascensão e decadência, de luz e de escuridão, de riqueza e pobreza, já que contrastava um alto desenvolvimento industrial e econômico, pois a Inglaterra se tornara uma potência mundial, a uma sociedade marcada por inúmeros problemas sociais e políticos, abismos entre ricos e pobres, lutas por reformas parlamentares e por melhores condições de trabalho.

Ainda a esse respeito temos as palavras de Carter e Mcrae que falam sobre o início do reinado vitoriano e mostram um panorama da situação social em que as pessoas viviam na época: “[...] there were many social problems: members of the working class were severely punished if they wanted to join together in trade unions; the Corn Laws kept the price of bread high; the Chartist movement wanted votes for all and social reforms” (1996, p. 125).⁴ Como no citado por Carter e Mcrae, havia muitos problemas sociais, os trabalhadores eram explorados e trabalhavam em condições muitas vezes desumanas, quando se uniam para reivindicar direitos e melhores condições de trabalho acabavam sendo severamente massacrados e punidos. Nesse contexto social surgiu o movimento Cartista que foi uma tentativa da classe trabalhadora em constituir um partido político independente e lutar por reformas políticas e sociais, contudo o movimento foi reprimido e não alcançou êxito, mas inevitavelmente algumas dessas reivindicações acabaram sendo aprovadas já no final do período vitoriano.

Além disso, a época vitoriana recebeu forte influência do puritanismo e foi uma época voltada à moralidade, aos bons costumes e à família. A rainha não tinha mais poder político, contudo, mesmo sem esse poder, exerceu forte influência na moral e nos costumes da época através da sua figura e de uma vida austera e formal, que seguia princípios éticos e religiosos, os quais influenciaram toda a classe burguesa com conceitos de dignidade, moral, autoridade, bons costumes e respeito à família. Assim, segundo Burgess, a era vitoriana

[...] foi uma época de moralidade convencional, de grandes famílias em que o pai era uma espécie de chefe divino, e a mãe, uma criatura submissa como a Eva de Milton. A moralidade rígida, o caráter sagrado da vida em família eram devidos em grande parte ao exemplo da própria rainha Vitória, e sua influência indireta sobre a literatura, assim como sobre a vida social, foi considerável (2003, p. 215).

Como no descrito por Burgess, a Inglaterra vitoriana era conduzida por uma moralidade rígida voltada aos bons costumes e a família era tida até mesmo como uma instituição sagrada em meio a sociedade daquela época. A esse respeito, Zierer acrescenta, “[...] os vitorianos acreditavam no aperfeiçoamento, se não na perfeição, da sociedade, ou antes, da natureza humana, através dos meios de progresso material que caminhavam de mãos dadas com o aperfeiçoamento moral” (1978, p 100). Essa busca pela moralidade fez com que a literatura passasse a ter uma importância maior na vida das pessoas, sendo uma das formas de aperfeiçoamento tanto da moral como dos bons costumes da sociedade vitoriana.

⁴ “[...] existiam muitos problemas sociais: membros da classe trabalhadora eram severamente punidos se eles quisessem se organizar juntos em sindicatos; a Lei dos Cereais elevou o preço do pão; o movimento Cartista queria votos para todos e reformas sociais” (CARTER; MCRAE, 1996, p. 126. Tradução nossa).

Vale ressaltar que o sistema político nessa época na Inglaterra era a monarquia parlamentarista, ou seja, o rei ou a rainha era apenas o Chefe de Estado, no entanto, o Chefe de Governo era o primeiro ministro. Dessa forma, segundo Zierer “[...] a monarquia, na segunda metade do século XIX, não tinha virtualmente qualquer poder direto” (1978, p. 99). O rei não possuía poder político e econômico direto sobre o governo do país, o primeiro ministro era o verdadeiro encarregado do Poder Executivo e da direção das políticas interna e externa do país, além da administração civil e militar.

Por fim, é a partir desse contexto vitoriano, uma época de revoluções, crescimento, expansão, moral e bons costumes, que estão em contraste com a miséria, pobreza, revoltas e crimes, que pretendemos abordar as relações sociais que existiram entre a sociedade e a literatura. Muitos escritores se valeram dessas contradições da era vitoriana para a partir delas escreverem clássicos da literatura mundial. A sociedade influenciou a literatura. Foi através desse “[...] plano de fundo que autores como Charles Dickens, as irmãs Brontë, Oscar Wilde, Joseph Conrad, Lewis Carroll e Robert Stevenson escreveram clássicos de uma literatura que refletiu de maneira brilhante uma época marcada pelas brutais contradições de um império” (PANORAMA DA LITERATURA INGLESA, [s.d.] p. 42). Ainda sobre essa relação sociedade e literatura no período vitoriano temos as palavras de Carter e Mcrae que descrevem a época como:

[...] an age of extremes: the classes were poor, and lived and worked in terrible circumstances; the middle classes grew rich and comfortable. There were double standards in this society. Many writers used their works to show that although on the surface this was a successful society, below the surface there were many problems (1996, p. 126)⁵.

Como no citado, vemos que o período vitoriano foi uma era propícia à produção literária. De um lado uma classe pobre que vivia em péssimas condições de vida, e de outro lado uma sociedade burguesa com uma vida confortável. Havia dois pesos e duas medidas, o que levou os escritores da época a escreverem denunciando essa falsa aparência de sucesso da sociedade inglesa, já que por baixo das aparências de uma sociedade desenvolvida e poderosa havia uma sociedade frágil e com muitos problemas sociais.

⁵ [...] uma era de extremos: as classes eram pobres, e viveram e trabalharam em terríveis circunstâncias; a classe média cresceu rica e confortável. Haviam dobrado os padrões da sociedade. Muitos escritores usaram suas obras para mostrar que embora sobre a superfície havia uma sociedade bem sucedida, abaixo da superfície haviam muitos problemas (CARTER; MCRAE, 1996, p. 126. Tradução nossa).

2.2 Literatura e sociedade

A literatura é uma expressão estética das relações que estabelecemos entre nós e a sociedade. Ela revela sentimentos individuais e ao mesmo tempo saberes universais e sociais, conta histórias fictícias e através dessas histórias ajuda a construir a realidade, escrevendo problemas sociais, denunciando injustiças e violências, tentando promover a esperança e de alguma forma melhorar ou transformar a sociedade através das suas palavras.

Percebemos, então, que literatura e sociedade tendem a se relacionar, pois a sociedade influenciou a literatura, e ao mesmo tempo a literatura influenciou a sociedade. Podemos dizer, com as palavras de Silva, que a literatura é

[...] como um fenômeno diretamente ligado à vida social. Em outras palavras, a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da “inspiração” do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si marcas desse contexto. Estudando essas marcas dentro da literatura, podemos perceber como a sociedade na qual o texto foi produzido se estrutura, quais eram os seus valores (2003, p. 177).

Sendo assim, através da literatura, podemos ter um estudo ou análise da sociedade, que por meio de marcas literárias pode pressupor e identificar relações sociais, políticas e culturais da época em que a obra foi escrita. Nesse contexto, surge então a sociologia da literatura. Os estudos da sociologia da literatura partem do princípio de a literatura ser um fenômeno que está ligado a um contexto maior, ou seja, a obra não pode existir por si só, a obra está, de alguma forma e em algum momento, ligada a um grupo, a uma sociedade, ou a uma cultura, e a eles faz referência no texto, tanto explícita, como implicitamente. A sociologia da literatura para Aguiar e Silva, tem um “[...] carácter especulativo, filosófico, sobretudo preocupada com a análise das complexas relações existentes entre os factores sociais e a criação literária” (1968, pp. 627, 628).

Sobre essa relação entre literatura e sociedade, podemos dizer que a sociedade existe antes da obra, na obra, e depois da obra. A sociedade existe antes da obra pois direta ou indiretamente condiciona o autor, e dessa forma, acabar influenciando na sua produção, já que ele vive na sociedade e assim tenta mostrar, refletir e transformar essa sociedade, mesmo que involuntariamente. A sociedade existe na obra, pois nela podemos ver o rastro e a descrição da sociedade, ela não pode ser vista unicamente como um pano de fundo sem importância que compõe a obra. E por último está a sociedade depois da obra, já que ela foi destinada a um público que ao ler a obra atribui a ela um conceito de valor, uma opinião, faz estudos e

promove teorias a seu respeito (TADIÉ, 1992). Temos assim, através dessas relações, o campo de estudo da sociologia da literatura. Para Tadié, “[...] a originalidade da sociologia da literatura é estabelecer e descrever as relações entre a sociedade e a obra literária [...],” ela é “[...] polêmica e militante, está sempre tentada a dizer aquilo que é, sem dúvida alguma, mas também aquilo que deveria ter sido e aquilo que deve ser” (1992, pp. 163, 171).

Vale ressaltar que a sociologia da literatura não foca apenas a vida do escritor, mesmo que esta esteja atrelada a fatores sociais. A sociologia da literatura busca uma visão mais ampla, e digamos também, mais complexa da obra literária. Ela analisa os indícios e as relações sociais que aparecem na obra de uma maneira que eles possam relatar a experiência e a vida não de um homem apenas, mas de uma multiplicidade de indivíduos, uma situação que represente a sociedade.

A sociologia da literatura teve seu início com os franceses. No ano de 1800, Mme. De Stael publicou o livro “*Da literatura considerada em suas relações com as instituições sociais*”, e nele já abordou um posicionamento crítico que pensava a literatura dentro do contexto social. Por sua vez, Hypolite Taine pensou a relação literatura e sociedade através da influência do Determinismo, ou seja, a literatura é um reflexo do autor, da sua vida e do momento social (SILVA, 2003). Contudo, a sociologia da literatura só passou a ter maior desenvolvimento tempos mais tarde, quando autores como Georg Lukács, Lucien Goldmann, e no Brasil, Antonio Candido, abordaram e trabalharam a complexidade da relação literatura e sociedade, de forma a desenvolverem a teoria e dar corpo à sociologia da literatura.

Lukács em sua teoria abordou inicialmente o fato de a evolução literária estar ligada à uma evolução social, dessa forma, os gêneros literários sofrem influências sociais e com isso acabam mudando, pois as pessoas mudam, os valores sociais mudam, a sociedade muda, e aquilo que um dia era importante pode passar a não ser mais importante nessa nova sociedade.

A exemplo disso, Lukács fala do mundo grego e da epopeia, contrapondo-os ao mundo moderno e ao romance. O mundo grego, segundo Lukács, “era perfeito e fechado”, todas as explicações existiam através de mitos, e de alguma forma, estavam ligada à intervenção dos deuses. Nesse mundo existiam apenas respostas, não existiam perguntas, não havia dúvida, “[...] dizíamos que o grego conta com as respostas antes de formular as perguntas” (2000, p. 28). Era “[...] um mundo homogêneo, e tampouco a separação entre homem e mundo, entre eu e tu é capaz de perturbar sua homogeneidade, [...] tais fronteiras encerram necessariamente um mundo perfeito e acabado” (op. cit., pp. 29, 30). Foi, portanto, nesse contexto que surgiu a epopeia, um gênero que refletiu a forma de pensar e de sentir do homem grego, que representou

a totalidade, ou seja, um mundo harmonioso, onde cada indivíduo representava apenas um papel na totalidade que compunha a sociedade grega.

Nesse sentido, o mundo grego era perfeito, estático e fechado, ao contrário do mundo atual, que é imperfeito, móvel, amplo e conseqüentemente individual. A epopeia deixou de existir ao passo que “[...] nosso mundo tornou-se infinitamente grande e, em cada recanto, mais rico em dádivas e perigos que o grego [...]”, perdendo assim a totalidade, “[...] uma vez que o sujeito se tornou uma aparência, um objeto para si mesmo [...]”, e “[...] no Novo Mundo, ser homem significa ser solitário” (LUKÁCS, 2000, pp. 31, 34).

Em suma, a partir do momento em que o homem perde esse sentido de “totalidade” e passa a ser “solitário” e “individualista”, a epopeia perde seu valor, pois havia um equilíbrio, e com a evolução o mundo deixou de ser harmonioso e perfeito, para através das relações e evoluções sociais tornar-se um mundo vasto de oportunidades, perigos e interpretações. Passou a ser um mundo individualista e ao mesmo tempo problemático. Com essa mudança social passa a ocorrer uma mudança literária, pois conforme Tadié aponta

[...] uma grande forma literária corresponde a cada etapa da história [...] o romance substitui a epopeia assim que o sentido da vida se torna problemático; a prosa sucede, então, o verso épico, e o próprio verso torna-se lírico. Então, aparece, num mundo contingente, o indivíduo problemático: “O romance é a epopeia de um mundo sem deuses” (1992, pp. 164, 165).

Nas palavras de Lukács, “[...] o romance é a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática [...]”, e ainda continua, “[...] a epopeia dá forma a uma totalidade de vida fechada a partir de si mesma, o romance busca descobrir e construir, pela forma a totalidade oculta da vida” (2000, pp. 55, 60). Com isso, o romance passa a ser “[...] a forma da virilidade madura, em contraposição à puerilidade normativa da epopeia” (op. cit., p. 89).

A partir disso, podemos perceber que a literatura é mutável e se ajusta de acordo com a sociedade a qual está ambientada, isso justifica o que ocorreu com a epopeia. No momento em que a sociedade mudou, teve novas ambições e aconteceu uma mudança de pensamento, a epopeia passou a não mais existir, já que representava agora algo sem valor, algo que não era mais valorizado pela mudança de pensamento. O gênero literário não é estático, evolui, e busca a superação de causas históricas, portanto, é mutável, ao passo que a sociedade evolui. “A obra exprime um momento da sociedade passada e desempenha um papel no presente, ao nos orientar rumo ao futuro” (TADIÉ, 1992, p.166). Dessa forma, “[...] os verdadeiros objetos da criação cultural são, efetivamente, os grupos sociais, e não os indivíduos isolados; mas o

criador individual faz parte do grupo, muitas vezes por sua origem ou posição social” (GOLDMANN, 1976, p. 4).

Nesse sentido, a literatura passa a corresponder às ambições da sociedade, e a refletir a sociedade da sua época e seu todo. Nas palavras de Silva, quando fala de Lukács, vemos que

[...] a literatura não reflete a realidade social apenas na descrição dos ambientes, objetos, roupas, gestos etc. (ou seja, num fluxo de detalhes realista), mas também – e principalmente – na sua essência, na maneira com que a fábula se desenrola, na articulação dos mecanismos que estruturam um texto. O texto passa a refletir o todo social, a maneira como a própria sociedade está montada e organizada (2003, p. 179).

Dessa forma, a partir do momento em que a sociedade deixou de ser fechada e passou a ser moderna, o mundo perdeu a sua harmonia e nasceram vários problemas. A sociedade mudou e surgiram novas relações interpessoais e sociais que representam uma sociedade voltada para um mundo capitalista e individualista. O mundo passou a ser regido por valores capitais e ao mesmo tempo começou a deixar de lado os valores pessoais. Surgem a partir das convenções econômicas os “valores de troca”, ou seja, relações puramente comerciais entre os indivíduos, e somem os valores “qualitativos” das relações inter-humanas, para aparecerem relações degradadas com valores “quantitativos”. (não consegui refazer sem utilizar “relações” e “valores”) Para Goldmann,

[...] na vida econômica, que constitui a parte mais importante da vida social moderna, toda a relação autêntica com o aspecto qualitativo dos objetos e dos seres tende a desaparecer, tanto das relações entre os homens e as coisas como das relações inter-humanas, para dar lugar a uma relação mediatizada e degradada: a relação com os valores de troca puramente quantitativos (1976, p. 17).

Isso mostra que o mundo se tornou problemático, ao passo que passou a existir uma luta entre valores materiais e valores humanos, vida social e vida interior, e essência versus aparência. Lukács vê o romance como um mundo que foi abandonado por deus, onde aparece um herói individualista de psicologia “demoníaca” ou problemática, que atua sobre a sociedade buscando uma superação para ajustar-se a ela. A respeito do herói do romance vemos que é “[...] um personagem problemático cuja busca degradada e, por isso, inautêntica de valores autênticos num mundo de conformismo e conversão constitui o conteúdo desse novo gênero literário que os escritores criaram na sociedade individualista” (GOLDMANN, 1976, p. 9). O romance se estrutura então ao redor dessa busca desenfreada do “herói problemático” por valores que são qualitativos em uma oposição total aos valores do mundo, que são puramente “quantitativos”. O herói se torna “problemático” a partir do momento em que está em desajuste

com os valores da maioria das pessoas, em desacordo com a realidade “conformista” da sociedade. O herói ou indivíduo problemático está à margem da sociedade, não partilha dos mesmos pensamentos, atitudes e valores. A respeito disso vemos que

[...] a vida econômica compõe-se de pessoas orientadas exclusivamente para valores de troca, valores degradados, aos quais se somam na produção alguns indivíduos, [...], que se conservam orientados, essencialmente, no sentido dos valores de uso e que, por isso mesmo situam-se à margem da sociedade e convertem-se em indivíduos problemáticos (GOLDMANN. 1976, p.17).

Em outras palavras poderíamos dizer que a sociedade está corrompida, perderam-se os valores de uso, ou seja, a essência. A sociedade então força o indivíduo a moldar-se aos valores que dissemina, através de inúmeros meios de manutenção do poder e da ideologia. O “indivíduo” ou aceita e partilha dos valores de troca e participa do mundo, ou se rebela e não aceita esses valores, se tornando “problemático”. Nesse sentido Goldmann é feliz quando faz uma comparação sobre o artista e o herói problemático. Para Goldmann, “[...] na sociedade vinculada ao mercado, o artista é, como já dissemos, um ser problemático, e isso significa que se opõe à sociedade e seu crítico” (1976, p. 27). O artista luta contra a sociedade tentando mostrar o que há de errado. Ele busca uma solução para a vida degradada à qual a sociedade se entregou e quer libertá-la, contudo, ele mesmo não pode escapar inteiramente desse poder social, uma vez que inevitavelmente está na sociedade e também sofre a sua ação. E Goldmann corrobora com a ideia de Lukács ao afirmar que apesar de o herói buscar incessantemente pela essência da vida, ele nunca irá alcançar essa superação, pois mesmo que aconteça, “essa superação não poderia deixar de ser, ela própria, degradada, abstrata, conceptual e não vivida como realidade” (GOLDMANN, 1976, p. 13).

O romance “[...] é em sua essência, crítica e oposicional. É uma forma de resistência à sociedade burguesa em curso de desenvolvimento” (GOLDMANN, 1976, p. 25), ou seja, está ambientada na burguesia e na sua ascensão, no entanto, não é uma representação da própria burguesia, mas uma representação em oposição às convenções da burguesia e do capitalismo dominante. Segundo Goldmann, quando relata do início do gênero romântico, vemos que “[...] no fundo, sendo o romance, durante toda a primeira parte da sua história, uma biografia e uma crônica social, sempre foi possível mostrar que a crônica social refletia, mais ou menos, a sociedade da época” (1976, p. 14). Dessa forma, podemos situar o romance como

[...] um gênero literário no qual os valores autênticos, tema permanente de discussão, não se apresentam na obra sob a forma de personagens conscientes ou de realidades concretas. Esses valores existem apenas em forma abstrata e

conceptual na consciência do romancista, onde se revestem de um caráter ético (GOLDMANN, 1976, p. 14).

Com essas palavras podemos associar mais uma vez a literatura à sociedade. Para Goldmann, essa ligação é nítida, e não é preciso ser sociólogo para perceber esse fato. O romance, segundo a sociologia da literatura, tem um lado crítico da sociedade, no entanto, muitas vezes esse lado não fica perceptível, pois em muitos casos é abstrato, ao passo que o leitor está “dominado” pelos poderes de troca, não consegue associar as intenções e críticas que o autor faz de forma abstrata e até mesmo subliminar na obra, e com isso fazer sua análise particular sobre as coisas que foram intencionadas da obra.

No início da história literária, a obra era analisada exclusivamente pelo seu caráter e condicionamento social, ao passo que mais tarde passou a ser analisada pela sua estética e essência. Contudo, hoje, para uma análise íntegra da obra, não podemos dissociar e analisar separadamente o caráter social e o caráter estético da obra. Precisamos em nossa análise fundir o social e o estético através de uma interpretação dialética de ambos os sentidos para chegar a uma análise sociológica da obra. Ao falar sobre essa análise, Antonio Candido mostra que ela passou por algumas fases e condicionamentos com o passar do tempo, e que atualmente para a sociologia da literatura

[...] a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo (CANDIDO, 2000, pp. 5, 6).

A partir desse ponto, o autor continua, “[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2000, p. 6). Nesse sentido, Candido mostra que o elemento externo não pode ser deixado de lado, ao passo que deve ser visto como um agente da estrutura da obra, e não meramente como um objeto ou assunto registrado nela. Candido propõe que o elemento externo seja analisado a partir da sua ação na estrutura e com isso passe a ser um elemento interno na obra. Para Candido “[...] a análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel [...]”, onde “[...] tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra” (op. cit., p. 7).

A exemplo disso, se pegarmos um romance, veremos que nele existem relações sociais, econômicas, históricas, e culturais, dentre outras. No entanto, simplesmente “[...] apontá-las é tarefa de rotina e não basta para definir o caráter sociológico de um estudo” (CANDIDO, 2000, p. 10). Para Candido “[...] além disso, o próprio assunto repousa sobre condições sociais que é preciso compreender e indicar, a fim de penetrar no significado” (op. cit., p. 10). Dessa forma, precisamos identificar o “sentido social e simbólico” da obra a partir de seu enredo, e tentar estabelecer uma analogia entre o enredo, ou plano interior e o plano exterior. É através dessa relação que devemos chegar a um entendimento maior, pois “penetrar no significado” deve ser entender ao mesmo tempo a “representação e desmascaramento da realidade”. O plano exterior se entrelaça ao plano interior na constituição do todo, são várias relações internas e externas que vão sendo tecidas no decorrer do texto literário para alcançar a composição do sentido total. O sentido não está em identificar a matéria, assunto, ou relação social que o livro representa, nem tão pouco ilustrar, mas sim criar uma análise de nível explicativo, que mostre como esses elementos se agrupam e regem a ordem e o sentido da obra (CANDIDO, 2000). De acordo com Candido,

[...] quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (2000, p. 8).

Essa análise proposta por Candido sai de aspectos periféricos e chega a uma interpretação estética, que liga o fator social associando-o como fator inerente à obra. Quando isso ocorre, podemos dizer que “o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica” (op. cit., p. 8). A partir disso,

[...] o elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo (CANDIDO, 2000, p. 8).

Por fim, Candido defende que a crítica deixe de ser apenas “[...] sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzi-rem a uma interpretação coerente” (op. cit., p. 9). E continua “[...] achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal” (op. cit., p. 13). Através disso, Candido quer mostrar que a crítica deve ser feita como um “todo indissolúvel”, que engloba os âmbitos possíveis de interpretação. A crítica não está em apontar simplesmente

fatores externos que se mostram presentes no texto, mas sim em mostrar como esses fatores agem na estrutura interna da obra, mostrando que são parte da significação total do romance, pois “[...] se tomarmos o cuidado de considerar os fatores sociais (como foi exposto) no seu papel de formadores da estrutura, veremos que tanto eles quanto os psíquicos são decisivos para a análise literária” (CANDIDO, 2000, p. 13).

2.3 Lewis Carroll e a sua obra

Antes de falarmos sobre “Alice no País das Maravilhas” precisamos conhecer seu criador. Charles Lutwidge Dodgson era britânico e nasceu na cidade de Daresbury, região de Cheshire, na Inglaterra, no ano de 1832. Era filho de um pastor protestante e estudou em colégios religiosos. Foi matemático e professor da Universidade de Oxford, onde permaneceu até o fim da vida. Dodgson era gago e sempre teve uma timidez excessiva, fato que influenciou na sua carreira, nunca se casou e gostava de crianças, especialmente de meninas. Contudo, além da matemática, Dodgson tinha ainda outra paixão, a literatura. E foi através da literatura e usando o pseudônimo de Lewis Carroll, que Dodgson ficou famoso ao escrever a célebre e tão conhecida história de “Alice no País das Maravilhas”, publicada no ano de 1865 (LORENZO, 2000).

Além de “Alice no País das Maravilhas”, que tinha como título original “*Alice’s Adventures in Wonderland*”, Carroll também escreveu “Através do Espelho e o que Alice encontrou lá”, em 1872, alguns poemas, outros romances de menor reconhecimento, artigos e livros sobre lógica matemática. Carroll desenvolveu a arte da fotografia, chegando a ser considerado um dos mais importantes fotógrafos do século XIX (LORENZO, 2000).

A história de “Alice no País das Maravilhas” surgiu em um dia de verão de 1862, quando Dodgson foi para um passeio de barco pelo rio Tâmis, com as três filhas de Henry George Liddell, decano da faculdade onde Carroll trabalhava e o reverendo Duckworth, amigo de Carroll. As filhas de Liddell eram Lorina, Alice e Edith. Alice tinha 10 anos de idade e era a preferida de Carroll, fato este responsável por ela ter se tornado a protagonista da história. Esse simples passeio veio marcar definitivamente a vida de Carroll, pois foi com a mera intenção de divertir e agradar a irmãs Liddell, que Carroll inventou boa parte das aventuras de “Alice no País das Maravilhas”. Contudo, a obra só foi publicada em 1865, após muitas alterações e ser submetida à apreciação de alguns amigos de Carroll (LORENZO, 2000). Charles Lutwidge Dodgson morreu em decorrência de bronquite em 1898, entretanto seu legado e sua obra continuam vivas até os dias de hoje nas mentes de crianças e adultos que já leram “Alice no

País das Maravilhas”. A história de “Alice” foi traduzida para vários idiomas e se tornou popular ao redor do mundo (CARROL, 2001).

A obra “Alice no País das Maravilhas” conta a história de Alice, uma menina que passa por uma série de aventuras que acontecem no “País das Maravilhas”. Tudo começa quando Alice fica entediada, pois está sem fazer nada ao lado da irmã que estava lendo um livro. Alice começa então a fazer um colar de margaridas, quando de repente vê um Coelho Branco vestindo um colete que passa correndo, olhando para um relógio e dizendo “Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Estou muito atrasado!” (CARROL, 2000, p. 19). Nesse momento, Alice começa a seguir o coelho que entra na toca. Alice entra logo em seguida e tem uma surpresa, ela começa a cair, a cair, vê objetos voando, até que finalmente chega ao fundo da toca onde encontra várias portas e uma chave que abre apenas uma delas. Após beber um líquido que a faz reduzir de tamanho, ela entra em um jardim, no entanto, não imagina que está entrando em um mundo incrível onde os animais podem falar. Nesse mundo fantástico Alice fala com as rosas e outros animais; conhece uma lagarta conselheira; um exército de cartas; uma rainha que manda e desmanda; um gato que sorri e que aparece e desaparece quando quer; um chapeleiro maluco, além de outros personagens. Joga um jogo excêntrico onde a regra é não ter regra, e vive verdadeiras aventuras naquele mundo maluco na companhia desses personagens estranhos. No fim, Alice acorda e se dá conta de que tudo não passou de um sonho e que já estava de volta à realidade (CARROLL, 2000).

Na obra “Alice no País das Maravilhas” encontramos a presença do fantástico e o uso do “nonsense”. Carroll foi um dos autores que mais inventivamente usou esse recurso no século XIX. O nonsense foi um elemento típico da literatura inglesa, e como caracteriza Lorenzo na introdução de “Alice no País das Maravilhas” é:

[...] caracterizado pelo emprego do absurdo, o nonsense é uma forma literária que, por meio da subversão da linguagem, revela diversos níveis de crítica: crítica às normas naturais que regem nossa vida, crítica à sociedade conservadora e moralista daquela época, crítica da própria linguagem. São manifestações do nonsense: as brincadeiras com a lógica, a exploração dos vários sentidos das palavras, as situações absurdas, a impressão de um mundo de pernas para o ar (2000, p. 12).

Nesse sentido, se analisarmos a obra de Carroll, perceberemos que o “País das Maravilhas” é uma representação da Inglaterra vitoriana, e que cada personagem que aparece na obra tem uma representação social, satírica e até mesmo caricata da realidade.

Outra presença marcante na obra de Carroll é a poesia que aparece em meio à narrativa. Carroll inicia a obra com um poema que faz alusão a seu passeio com as irmãs Liddell que

aconteceu no rio Tâmis. Além desse poema, são encontradas no livro diversas paródias que o autor fez sobre poemas e cantigas inglesas tradicionais da sua época. Carroll também inova ao colocar um poema figurado em sua obra. O poema imita a cauda do rato e aparece no capítulo 3 da obra.

“Alice no País das Maravilhas” desde a sua publicação se tornou um grande sucesso, sendo traduzido para diversas línguas, e até mesmo sendo reproduzido em filmes. No entanto, “Alice no País das Maravilhas”, ao contrário do que aconteceu com outros livros que foram concebidos como literatura adulta e depois acabaram sendo considerados literatura infantil, fez um caminho inverso. No seu início foi considerado literatura infantil, contudo se analisarmos a linguagem utilizada por Carroll veremos que não se trata de uma linguagem infantil e pode ser considerada uma literatura adulta. A história contada é para um público infantil, mas a forma como foi escrita e as relações que apresenta não o são. Até mesmo Carroll reconheceu isso ao lançar no ano de 1889 uma versão de “Alice no País das Maravilhas” dedicada às crianças (LORENZO, 2000).

3 AS RELAÇÕES SOCIAIS NA OBRA DE LEWIS CARROLL

Ao lermos a obra “Alice no País das Maravilhas” não percebemos em um primeiro momento que nela possa haver algum tipo de relação entre a obra e a sociedade vitoriana. Temos a visão de uma narrativa que apresenta um mundo lúdico, cheios de fantasias, com acontecimentos mágicos e extraordinários. Contudo, ao conhecermos melhor o tempo e o ambiente em que se passa a publicação da história, e pensarmos sobre as possíveis alusões que a obra permite, podemos pressupor que o direcionamento do livro pode ser outro, e não está especificamente voltado ao entretenimento de crianças, pois, dentro dos elementos que compõem a narrativa, existem críticas ao regime governamental e à sociedade da Inglaterra do século XIX. Esse pensamento vai de encontro ao que Goldmann teorizou sobre a relação da sociedade e da literatura. O romance sempre foi passível de mostrar, de certa forma, a sociedade da época em que foi escrito, pois nele existem resquícios da influência da sociedade de sua época. Isso implica dizer que na relação entre a sociedade e a obra, temos um fator externo a essa obra, mas que implica internamente na obra, revelando a sociedade. No caso de “Alice no País das Maravilhas”, o fator externo aparece ocultado por elementos fantásticos e lúdicos inerentes à narrativa de Carroll.

Nesse sentido, a obra “Alice no País das Maravilhas” pode ser interpretada como uma crítica à sociedade vitoriana da época de Carroll. A época vitoriana foi um período muito rígido e moralista, foi influenciado por pensamentos puritanos e pela postura austera e ética da rainha,

foi um período de revoluções e forte repressão social. Dessa forma, a obra faz, através da personagem Alice, uma crítica ao papel da sociedade inglesa. A sociedade se mostrava totalmente submissa à influência da rainha, não se mostrava questionadora, nem tão pouco reflexiva sobre a realidade de sua época, pelo contrário, era dominada e controlada, realidade essa, totalmente diferente da protagonizada por Alice durante a narrativa. Alice não se mostra conformada com as situações que vive e presencia, mas questiona e reflete constantemente sobre a realidade a qual estava inserida naquele momento, fato esse, que causa uma repulsa por parte dos demais personagens em relação a ela, pois não gostam das atitudes da protagonista.

Sendo assim, Alice ocupa o papel de “herói problemático” da obra Carroll, já que ela não se ajusta ao “País das Maravilhas”, e está em desajuste com os valores da maioria dos personagens, e em desacordo com a realidade imposta pela Rainha de Copas. Ela está à margem daquela sociedade, e não partilha de seus pensamentos, atitudes e valores, mas questiona e reflete sobre as relações que acontecem naquele país. Carroll mostra através de Alice e suas atitudes, quais deveriam ser as atitudes e ações da sociedade inglesa frente aos problemas de sua época.

Nossa interpretação e associação da obra com a sociedade vitoriana pode começar pelo próprio título da obra. Qual seria o significado de “País das Maravilhas” no título do livro? Essa pergunta sugere inúmeras possibilidades de interpretação, e uma delas que se mostra razoavelmente plausível frente à análise que estamos fazendo, está em associar o nome “País das Maravilhas” à própria Inglaterra do século XIX. Como descrito anteriormente, a Inglaterra passava por fortes mudanças sociais e econômicas, fato este que tornou o país uma potência mundial da época. Contudo, além dessa ostentação de grandeza econômica e política que a Inglaterra vivia, havia outro lado que era obscuro e vergonhoso, ou seja, havia mazelas sociais que afligiam as classes mais pobres da sociedade. A fome, a miséria, o desemprego, a exploração estavam presentes na vida de muitas pessoas. Dessa forma, o nome “País das Maravilhas” sugere um tom irônico e sarcástico sobre a situação que a Inglaterra vivia naquela época. A crítica do autor surge do fato que um “País das Maravilhas” não poderia ostentar uma falsa aparência frente ao mundo, e ao mesmo tempo ter inúmeros problemas sociais internos afligindo a sociedade. Nesse sentido, durante toda a obra, Carroll internalizou críticas à sociedade vitoriana de uma maneira lúdica e subliminar.

Carroll aborda ainda em sua obra diversas poemas infantis que eram conhecidos pela sociedade inglesa, contudo, o autor faz essa abordagem de uma maneira irônica e cria paródias a partir desses poemas. Alice recita esses poemas em diversos momentos da narrativa do livro para os personagens da história, talvez com a intenção de diverti-los, mas para nós a intenção

parece ser outra. A intenção de Carroll ao criar e colocar essas paródias em sua obra estava em mostrar que o povo se preocupava de certa forma com coisas fúteis e sem necessidade. Esses poemas eram decorados pelas crianças na escola, já que essa também era uma forma de dominação exercida pelo governo da época sobre as pessoas. As pessoas acabavam se apegando aos valores, ou seja, “coisas sem valor” que eram disseminadas pela sociedade, fato este que é mostrado através da repulsa dos personagens no momento que ouvem e percebem que o poema é diferente do conhecido por eles. Com essas paródias Carroll explora ainda a questão dos sentidos das palavras, atribuindo sentidos dúbios aos poemas, e através do “nonsense” acaba fazendo “[...] por meio da subversão da linguagem, diversos níveis de crítica: crítica às normas naturais que regem nossa vida, crítica à sociedade conservadora e moralista daquela época, crítica da própria linguagem” (LORENZO, 2000, p. 12). Nesse sentido, o autor faz uso do nonsense nas “[...] brincadeiras com a lógica, a exploração dos vários sentidos das palavras, as situações absurdas, a impressão de um mundo de pernas para o ar” (op. cit., p. 12).

No mesmo âmbito poderíamos traçar inúmeros paralelismos entre a obra de Carroll com os seus personagens e a sociedade inglesa da época vitoriana, cada personagem com suas atitudes e ações pode representar algum elemento inerente ao ambiente da época. Entretanto, focaremos nossa análise apenas nas principais relações que acontecem entre esses personagens e a sociedade.

A saga da protagonista Alice pelo “País das Maravilhas” inicia-se por conta da sua impaciência, ela estava sentada ao lado da irmã, na beira do lago, sem ter nada o que fazer, quando de repente teve uma visão curiosa de um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa que passou correndo por ela. Alice, curiosa, correu atrás do coelho até uma toca e entrou atrás dele.

Alice was beginning to get very tired of sitting by her sister on the bank, and of having nothing to do: once or twice she had peeped into the book her sister was Reading, but it had no pictures or conversations in it, [...]. So she was considering, in her own mind [...] whether the pleasure of making a daisy-chain would be worth the trouble of getting up and picking the daisies, when suddenly a White Rabbit with pink eyes ran close by her. [...] but, when the Rabbit actually *took a watch out of its waistcoat-pocket*, and looked at it, and then hurried on, Alice started to her feet, [...] and, burning with curiosity, she ran across the field after it, and was just in time to see it pop down a large rabbit-hole under the hedge. In another moment down went Alice after it, never once considering how in the world she was to get out again (CARROLL, 2001, pp. 1, 2).⁶

⁶ Alice estava começando a se cansar de ficar ali sentada ao lado da irmã no barranco e não ter nada que fazer, uma ou duas vezes espiara o livro que sua irmã estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, (...) Assim, meditava com seus botões se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de levantar-se e colher as margaridas, quando de repente um coelho branco com olhos rosados passou correndo perto dela. (...) Mas quando o Coelho *tirou um relógio do bolso do colete*, deu uma olhada nele e acelerou o passo, Alice ergueu-

Nesse primeiro momento, podemos observar nas atitudes de Alice, a inquietude e a curiosidade de uma menina que não se satisfaz em estar sentada ao lado da irmã olhando para o livro ou mesmo em fazer um arranjo de flores, além da audácia e a coragem da personagem em seguir o Coelho Branco, tomada por uma atitude imediata, sem pensar nas consequências que podem existir, comportamento totalmente diferente daquele que uma criança da sociedade Inglesa do século XIX deveria ter.

Quando Alice chega ao “País das Maravilhas”, ela passa a conviver em um lugar de seres extraordinários, e ao longo da narrativa, vai se desentendo com eles, por ter atitudes e comportamentos que não os agradam.

Primeiramente, Alice se desentende com um rato. Ela tira a paciência dele por não prestar atenção ao que o Rato diz, e quando pede para ele continuar, ele responde: “[...] ‘I shall do nothing of the sort’, said the Mouse, getting up and walking away. ‘You insult me by talking such nonsense’” (CARROLL, 2001, p. 21)⁷. Alice não agrada o Rato ao contrariá-lo. Ainda sobre isso, a Carangueja tece um comentário sobre o acontecido: “[...] And an old Crab took the opportunity of saying to her daughter ‘Ah, my dear! Let this be a lesson to you never to lose *your* temper!’ ‘Hold your tongue, Ma!’ said the young Crab, a little snappishly. ‘You’re enough to try the patience of an oyster!’” (CARROLL, 2001, p. 21).⁸ Podemos observar nessa parte o conselho da mãe dado à filha. Esta não deveria seguir o exemplo de Alice em contrariar ideias, e ao mesmo tempo temos a revolta da filha, mandando a mãe calar-se, situação essa que é totalmente contraditória aos costumes e aos hábitos familiares da era vitoriana. Essa contradição internalizada à figura desses personagens pode ser observada como Alice, sendo uma pessoa do período vitoriano que não se conforma com a sociedade Inglesa, e que se opõe ao poder e suas regras; já a figura da Carangueja filha, é uma representação oposta ao comportamento que as crianças daquela época deveriam ter.

Alice ao presenciar ideias diferentes às suas, começa a ficar conturbada, confundindo até a sua personalidade. Em certo momento ela se encontra com uma lagarta que inicia uma conversa:

se, (...) Então, ardendo de curiosidade, ela correu atrás dele campo afora, chegando justamente a tempo de vê-lo sumir numa grande toca sob a cerca. No instante seguinte, Alice entrou na toca atrás dele, sem ao menos pensar em como é que iria sair dali depois (CARROLL, 2000, p. 19).

⁷ “[...] ‘De jeito nenhum’, disse o Rato, levantando-se e indo embora. ‘Você me insulta falando tanta asneira’” (CARROLL, 2000, p. 45).

⁸ “[...] Uma velha Carangueja aproveitou a oportunidade para dizer à sua filha: ‘Ah, minha querida! Que isto lhe ensine a nunca perder as estribeiras!’ ‘Cale-se mamãe!, disse a jovem Carangueja, um pouco irritada. Você desafia até a paciência de uma ostra!’” (CARROLL, 2000, p. 45).

The Caterpillar and Alice looked at each other for some time in silence: at last the Caterpillar took the hookah out of its mouth, and addressed her in a languid, sleepy voice. “Who are *you*?” said the Caterpillar. This was not an encouraging opening for a conversation. Alice replied, rather shyly, “I – I hardly know, Sir, just at present – at least I know who I *was* when I got up this morning, but I think I must have been changed several times since then.” “What do you mean by that?” said the Caterpillar, sternly. “Explain yourself.” “I ca’n’t explain *myself*, I’m afraid, Sir,” said Alice, “because I’m not myself, you see.” “I don’t see,” said the Caterpillar. “I’m afraid I ca’n’t put it more clearly”, Alice replied, very politely, “for I ca’n’t understand it myself, to begin with [...]” (CARROLL, 2001, p. 32, 33).⁹

Numa questão de minutos, Alice começa a ter posições, pensamentos e ideias diferentes da Lagarta, chegando a um momento que a Lagarta lhe aconselha, “[...] ‘Keep your temper’ said the Caterpillar” (CARROLL, 2001, p. 33).¹⁰ Vinculando a fala da Lagarta à fala da Carangueja, temos um conselho que é dado à Alice. Os dois personagens aconselham Alice a não perder as “estribeiras”, ou seja, Alice não deve desorientar-se. Essa situação está nitidamente a favor da sociedade inglesa, uma vez que não era interessante para o governo que nenhum indivíduo questionasse ou se revoltasse contra a situação que a sociedade se encontrava. Todos deviam cumprir as regras e os costumes sem desnortarem-se.

Como os pensamentos de Alice eram diferentes aos dos habitantes do “País das Maravilhas”, quando ela expunha suas ideias, sempre ofendia alguém. Alice gostaria que as criaturas não se ofendessem tão facilmente, contudo, aqueles personagens estavam acomodados com o regime que lhes era imposto, e Alice representava uma ameaça àquela forma de vida calma no “País das Maravilhas”, já que ela era um ser problemático em meio aos personagens do país.

Ao longo da narrativa, Alice encontra-se com a personagem da Duquesa. Ela é cheia de ideias moralistas, e em seu discurso diz que tudo tem uma moral. “[...] ‘Tut, tut, child!’ said the Duchess. ‘Everything’s got a moral, if only you can find it’” (CARROLL, 2001, p. 72)¹¹, tudo que Alice dizia a Duquesa retrucava e dava uma moral. “[...] ‘The game’s going on rather better now’, she said, by way of keeping up the conversation a little.” Logo, “[...] ‘’Tis so,’ said the Duchess: ‘and the moral of that is – Oh, ’tis love, ’tis love, that makes the world go

⁹ A lagarta e Alice olharam-se por algum tempo em silêncio. Por fim, a Lagarta tirou o cachimbo da boca e dirigiu-se a Alice com voz lânguida e sonolenta: “Quem é *você*?” Não era um começo de conversa encorajador. Alice respondeu muito tímida: “Eu... já nem sei, minha senhora, nesse momento... Bem, eu sei quem eu *era* quando acordei esta manhã, mas acho que mudei tantas vezes desde então...” “O que você quer dizer com isto?” perguntou a Lagarta com rispidez. “Explique-se melhor!” “Acho que eu mesma não posso me explicar melhor, senhora”, disse Alice, “porque eu não sou eu mesma, compreende?” “Não, não compreendo”, respondeu a Lagarta. “Temo não poder explicar melhor”, replicou Alice (CARROLL, 2000, p. 61).

¹⁰ “[...] ‘Mantenha a calma’, disse a Lagarta” (CARROLL, 2000, p. 63).

¹¹ “[...] ‘Ora, ora, minha criança!’, disse a Duquesa. ‘Tudo tem uma moral, basta saber encontrá-la’” (CARROLL, 2000, p. 112)

round” (CARROLL, 2001, p. 73).¹² Carroll fez parte da sociedade inglesa do século XIX e presenciou a forte moralismo imposto pela Rainha Vitória. Ao analisarmos a personagem da Duquesa, podemos pressupor que ele representou por meio dessa personagem a moralidade demasiada da época. Podemos observar no discurso da personagem, que por ventura tem um título monárquico, o uso da moralidade como resposta para a manutenção do controle da sociedade, “tudo tem uma moral, basta encontrá-la”.

Seguindo sua trajetória pelo mundo das maravilhas, Alice encontra-se com a Falsa Tartaruga, essa personagem conta para ela histórias da sua vida. A ao longo da conversa, a Falsa Tartaruga começa a contar como foi seu processo de educação na escola: “[...] We had the best of educations – in fact, we went to school every day –” (CARROLL, 2001, p. 78).¹³ Alice também afirma que teve uma boa educação e que também era assídua nas aulas. “[...] ‘I’ve been to a day-school, too,’ said Alice. ‘You needn’t be so proud as all that’” (CARROLL, 2001, p. 78).¹⁴ Logo a Falsa Tartaruga retruca:

“With extras?” asked the Mock Turtle, a little anxiously. “Yes,” said Alice: “we learned French and music.” “And washing?” said the Mock Turtle. “Certainly not!” said Alice indignantly. “Ah! Then yours wasn’t a really good school,” said the Mock Turtle in a tone of great relief. “Now, at ours, they had, at the end of the bill, ‘French, music, and washing – extra’” (CARROLL, 2001, p. 78, 79).¹⁵

E continuou falando das matérias “do curso regular”, “‘Reeling and Writhing, of course, to begin with,’ the Mock Turtle replied; ‘and then the different branches of Arithmetic – Ambition, Distraction, Uglification, and Derision’” (CARROLL, 2001, p. 79).¹⁶ Ao analisarmos as “matérias” que a Falsa Tartaruga teve no seu período escolar com o período vitoriano, podemos fazer uma associação irônica a essa época.

Levando em conta que essa análise está mostrando Alice como uma personagem oposta aos personagens do “País das Maravilhas”, que, por sua vez, podem estar representando a sociedade inglesa, e que a Falsa Tartaruga é uma representante dessa sociedade, podemos observar que existe uma diferença entre a educação que Alice teve e a educação que a Falsa

¹² “‘O jogo está melhor agora’, disse Alice para não deixar morrer a conversa.” [...] “‘É verdade’, disse a Duquesa, e a moral disso é... ‘Oh, é o amor, é o amor que faz o mundo girar!’” (CARROLL, 2000, p. 113).

¹³ “Tivemos a melhor educação... na verdade, íamos à escola todos os dias...” (CARROLL, 2000, p. 119).

¹⁴ “Eu também ia à escola todos os dias, disse Alice. ‘Não precisa orgulhar-se tanto disso’” (CARROLL, 2000, p. 119).

¹⁵ “Com matérias adicionais?”, perguntou ansiosamente a Falsa Tartaruga. “Sim,” respondeu Alice, “aprendíamos francês e música”. “E lavagem?”, perguntou a Falsa Tartaruga. “É claro que não!” disse Alice indignada. “Ah! Então não era uma escola realmente boa,” disse a Falsa Tartaruga com grande alívio. “Pois na *nossa* eles acrescentavam no final do programa, ‘francês, música e lavagem – adicionais’” (CARROLL, 2000, p. 119).

¹⁶ “‘Lerdear e Esquivar, para início de conversa’ respondeu a Tartaruga Falsa, ‘e depois os diferentes ramos da Aritmética – Ambição, Distração, Amiudação e Derrisão’” (CARROLL, 2000, p. 119).

Tartaruga teve. Com isso, Carroll representou por meio da educação da Falsa Tartaruga uma crítica de como era o sistema educacional da era vitoriana, primeiramente pela matéria “extra” que ela citou, tendo com nome de “Lavagem”. Podemos ver esse elemento externo, como uma crítica interna ao condicionamento que as crianças da era vitoriana sofriam, ou seja, ao irem às escolas, elas eram submetidas a uma “lavagem”, a escola alienava as crianças com os seus dogmatismos que se afirmavam como corretos para aquela sociedade, e as crianças deveriam segui-los sem questionar.

No outro momento, a Falsa Tartaruga fala das matérias do “curso regular” que eram “Lerdear e Esquivar”, essas matérias são provenientes de verbos que significam simultaneamente “mostrar-se lerdo” e “ser desnecessário e supérfluo” (FERREIRA, 1999, p. 1203, 824), ou seja, as crianças eram direcionadas a não se contrapor aos ideais daquela sociedade, eram orientadas a serem “lerdas” e “submissas” às ordens e leis do governo. Ainda analisando o “curso regular” que a Falsa Tartaruga teve e elevando-o a categoria de crítica, ela apresentou suas “matérias aritméticas” que eram “Ambição, Distração, Amiudação e Derrisão”. Através disso Carroll nos faz supor que o sistema educacional era calculista, ensinava as crianças a serem ambiciosas, sendo que a sociedade nesse momento passava por várias relações comerciais e com uma série de implantações de indústrias, e que deveriam lidar com as diferenças das classes sociais (Amiudação e Derrisão), sendo que as pessoas tinham que se relacionar com pessoas da mesma classe, assim, causando as desigualdades sociais, fenômeno bastante peculiar da era vitoriana.

No “País das Maravilhas” assim como na sociedade inglesa do século XIX, havia um poder representativo monárquico. Na Inglaterra, a Rainha Vitória tinha apenas uma posição de respeito, mas quem tomava as decisões era o primeiro-ministro. No “País das Maravilhas”, Alice deparou-se com a Rainha de Copas, essa personagem era muito autoritária, furiosa, e muito temida por seus “súditos”. Quem lhe contrariasse ou fizesse algo que não lhe era correto, ela mandava decapitar, não titubeava nas suas ordens e agia por impulso. ““What’s your name, child?’ ‘My name is Alice, so please your Majesty,’ said Alice very politely [...]” (CARROLL, 2001, p. 64).¹⁷ Contudo, não demorou muito para Alice entrar num primeiro conflito com a Rainha de Copas. ““And who are these?’ said the Queen [...] ‘How should I know?’ said Alice, surprised at her own courage. ‘It’s no business of mine’” (CARROLL, 2001, p. 65).¹⁸ Nesse momento, a Rainha de Copas não titubeou para dar sua ordem mais usada, “The Queen turned

¹⁷ ““Qual é o seu nome, menina?’ ‘Meu nome é Alice, às ordens de Vossa Majestade,’ disse muito educadamente [...]” (CARROLL, 2000, p. 101).

¹⁸ ‘E quem são aqueles?’ perguntou a Rainha [...] “Como é que eu vou saber?, disse Alice, surpresa com a sua própria coragem. Não é da minha conta” (CARROLL, 2000, p. 101).

crimson with fury, and, after glaring at her for a moment like a wild beast, began screaming ‘Off with her head! Off with – ’” (CARROLL, 2001, p. 65).¹⁹ E numa ação inesperada, Alice responde à ordem dada: “‘Nonsense!’ said Alice, very loudly and decidedly, and the Queen was silent” (CARROLL, 2001, p. 65).²⁰

Carroll, a partir disso, mostra a forma governamental do “País das Maravilhas” e a posição da monarquia. Entrelaça essa forma de governo representado pela Rainha de Copas à forma de governo inglês que teve a Rainha Vitória no poder. Essa relação se dá no momento em que a Rainha Vitória na Inglaterra, tem uma posição apenas representativa, uma posição de respeito, mas não exercia mais os poderes das ordens e das leis, sendo assim, a mesma figura monárquica do “País das Maravilhas”, que também não exercia um poder. Como percebermos, a ordem dada pela Rainha de Copas para decapitar Alice não é acatada.

“Up, lazy thing!” said the Queen, “and take this Young lady to see the Mock Turtle, and to hear his history. I must go back and see after some executions I have ordered” [...] The Gryphon sat up and rubbed its eyes: then it watched the Queen till she was out of sight: then it chuckled. “What fun!” said the Gryphon, half to itself, half to Alice. “What is the fun?” said Alice. “Why, she,” said the Gryphon. “It’s all her fancy, that: they never executes nobody, you know. Come on!” (CARROLL, 2001, p. 76).²¹

É perceptível que a Rainha de Copas, definitivamente não tem poder sobre seus “súditos” eles apenas os obedecem, pela posição de respeito que ela ainda tem sobre eles. É observável também, que Carroll, ao escrever as falas dos personagens em relação à Rainha de Copas, não usa a palavra “Copas” na narrativa, ele apenas a cita como a “Rainha”, ou seja, Carroll deixa mais enfática as relações das representações das duas rainhas na sua obra, deixando uma lacuna na palavra “Rainha” que pode ser preenchida tanto por “Vitória” quanto por “Copas”, pois as duas tem um papel de autoridade, mas só representativa. Carroll nos apresentou nesse momento um fator determinante para fazermos essa relação da sua obra à sociedade vitoriana do século XIX.

Em suma, as relações vistas, nos mostram que a obra “Alice no país das Maravilhas” apresenta através de seus personagens lúdicos, as pessoas que viviam na Inglaterra do século XIX. São pessoas acomodadas, que tinham seus comportamentos baseados num governo

¹⁹ “A Rainha ficou vermelha de raiva e, após encará-la por alguns instantes como uma fera selvagem, gritou: ‘Cortem-lhe a cabeça! Cortem-lhe...’” (CARROLL, 2000, p. 101).

²⁰ “‘Bobagem!’ disse Alice com voz alta e decidida, enquanto a Rainha ficou calada” (CARROLL, 2000, p. 101).

²¹ “Acorde coisa preguiçosa!”, disse a Rainha, “e leve esta senhorita para ver a Falsa Tartaruga e ouvir sua história. Eu preciso e tratar de algumas execuções que ordenei” [...] “O Grifo sentou-se e esfregou os olhos, então, observou a Rainha até ela sumisse de vista, depois sorriu. “Que engraçado!”, disse o Grifo, meio para si mesmo, meio para Alice. “Qual é a graça?” perguntou Alice. “Ora, *ela*” disse o Grifo. “É tudo fantasia dela. Você sabe, eles nunca executam ninguém. Vamos!” (CARROLL, 2000, p. 117).

representativo. Carroll criou a personagem Alice como uma espécie de pessoa que vai contra os conceitos e princípios da sociedade vitoriana, ou seja, um ser problemático, que tem seu livre arbítrio tanto em seus pensamentos e ideias, quanto em suas ações. Além de Alice temos outros personagens que são representativos dessa sociedade vitoriana. Temos uma Duquesa com uma obsessão pela moral dos fatos e acontecimentos; uma Rainha de Copas com uma ostentação de um poder que não passava de fictício; um Coelho Branco com um relógio que buscava desenfreadamente uma pontualidade rigorosa que era pregada pelo sistema moral da época; um Gato de Cheshire, ou seja, um gato fictício que sorria quando estava bravo e rosnava quando estava feliz, que de certa forma representava a falsidade que existia em meio à sociedade. Todos esses personagens, além de outros, são passíveis de serem analisados como representativos e de alguma forma fazer referência a essa sociedade na qual Carroll viveu e sobre a qual escreveu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura e a sociedade sempre estiveram ligadas entre si, uma vez que toda obra tem em sua estrutura interna fatores externos que estão ligados de alguma forma ao ambiente onde a obra foi produzida. Esses fatores podem se relacionar tanto explicita, como implicitamente com a vida do autor, sua origem, e as condições sociais da sociedade. Enfim, a obra tem uma série de ligações que permite ligá-la a esse mundo externo. E é nesse campo de interpretação entre a literatura e a sociedade que atua a sociologia da literatura, ou seja, ela analisa quais são e como essas relações refletem o mundo exterior dentro da obra, mostrando que toda obra tem uma possível interpretação e análise que a ligue à sociedade.

Com a obra “Alice no País das Maravilhas”, escrita por Lewis Carroll, não podia ser diferente, e foi nesse âmbito das relações entre a literatura e a sociedade que fizemos nossa análise. Pudemos observar que apesar de ser uma obra que relata um mundo cheio de seres fantásticos que tornam a trama uma aventura mágica e transformam a vida cotidiana em um mundo estranho e sem nexos com nossa realidade, a obra reflete também outra visão se analisada com um olhar voltado para a sociologia da literatura.

Carroll ao escrever a obra mascarou diversos resquícios da sociedade à qual pertencia, colocando-os de uma forma oculta e até mesmo caricata na obra. Uma análise mais detalhada pôde revelar que os personagens podem ser vistos como uma crítica ao período vitoriano, onde a obra foi escrita. A personagem Alice atua como um ser problemático em meio a toda a trama, e pode ser vista como uma crítica ao indivíduo da sociedade inglesa que era submisso e não demonstrava uma atitude mais audaciosa frente aos problemas que enfrentava na sociedade.

Nesse mesmo sentido, a Rainha de Copas revela uma crítica à própria rainha inglesa da época. A Rainha Vitória, apesar de toda a sua influência, ostentava apenas um poder representativo na sociedade inglesa da época. Os demais personagens através de suas atitudes e ações também permitem uma análise e comparação com os elementos inerentes à sociedade vitoriana.

Portanto, a análise dessa obra apresentou alguns argumentos para relacionar a obra de Carroll como uma crítica ao comportamento da sociedade inglesa do século XIX, afirmando assim, que a literatura e a sociedade estão simultaneamente ligadas, pois a sociedade existe antes da obra, sendo representada pela sociedade inglesa do século XIX, dentro da obra, representada pelos personagens do “País das Maravilhas” e depois da obra, sendo representada principalmente pelas atitudes e comportamento da personagem Alice, sendo esses totalmente contrários ao comportamento da sociedade inglesa e dos personagens do “País das Maravilhas”, concretizando assim, o incômodo que o autor da obra demonstrou sobre o período vitoriano e sua exorbitante tendência moralista.

Por fim, esse artigo é apenas uma pequena análise da obra “Alice no País das Maravilhas”. A sociologia da literatura permite que a obra seja explorada em mais sentidos, e que se faça uma análise mais profunda e detalhada, revelando assim mais indícios que comprovem essa crítica feita por Carroll à sociedade inglesa do século XIX através da sua genialidade. Contudo, a obra de “Alice no País das Maravilhas” permite também interpretações que se baseiam em outras teorias literárias, a exemplo disso, ela pode ser analisada com um olhar voltado para a literatura do fantástico, e ser feita uma análise de como esse mundo imaginário foi construído por Lewis Carroll.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 2ª ed. Coimbra: Almedina, 1968.
- BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. Trad. Duda Machado. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Trad. Isabel de Lorenzo. 2ª ed. São Paulo: Objetivo, 2000.
- _____. **Alice in Wonderland**. New York: Dover, 2001.
- CARTER, Ronald; MCRAE, John. **The Penguin Guide to English Literature**: British and Ireland. London: Penguin, 1996.
- FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI**: O dicionário da Língua Portuguesa. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- Literatura e Sociedade**. Disponível em: <<http://letrasesociedade.blogspot.com.br/>> Acesso em 26 mar. 2013.

- LORENZO, Isabel de. Introdução. In: CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Trad. Isabel de Lorenzo. 2ª ed. São Paulo: Objetivo, 2000.
- LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MAUROIS, André. **História de Inglaterra**. Trad. Maria Henriques Ossvald. Lisboa: Editorial Aster. São Paulo: Editorial Flamboyant, [s.d.].
- Panorama da Literatura Inglesa**. Caderno entre livros. Duetto editorial. nº 1. São Paulo: [s.d.].
- SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs) **Teoria Literária**: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.
- TADIÉ, Jean-Yves. **A crítica literária no século XX**. Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.
- ZIERER, Otto. **Pequena história das grandes nações**: Inglaterra. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.